

Vanessa Rimbau Pinheiro
Orison Marden Bandeira de Melo Júnior
(Organizadores)

ASCENSÃO E QUEDA DO MACHO

representações de
masculinidades nas
literaturas africanas

U Editora
UFPB

ASCENSÃO E QUEDA DO MACHO

representações de masculinidades
nas literaturas africanas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Reitor

Liana Figueira Albuquerque
Vice-Reitora



Natanael Antônio dos Santos
Diretor Geral da Editora UFPB

Everton Silva do Nascimento
Coordenador do Setor de Administração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos
Coordenador do Setor de Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)
José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)
Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)
Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)
Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)
Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)
Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)
Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à



Vanessa Riambau Pinheiro
Orison Marden Bandeira de Melo Júnior
(organizadores)

ASCENSÃO E QUEDA DO MACHO
representações de masculinidades
nas literaturas africanas

EDITORA UFPB
João Pessoa
2023

1ª Edição – 2023

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 01/2022 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Projeto gráfico · **Editora UFPB**
Editoração eletrônica · **Alice Brito**
Design de capa/contracapa · **Josué Santiago**
Imagem de capa · **Unplash (Dylann Hendricks)**
Catalogação · **Walqueline Araújo (CRB 15/514)**

Catalogação na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

A811 Ascensão e queda do macho : representações de masculinidades nas literaturas africanas [recurso eletrônico] / Vanessa Rimbau Pinheiro, Orison Marden Bandeira de Melo Júnior (organizadores). - Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora UFPB, 2023.

E-book.

Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press>
ISBN: 978-65-5942-202-9

1. Literatura – Gênero masculino. 2. Literatura africana. 3. Autores africanos – Literatura. 4. Masculinidades. 5. Patriarcalismo. I. Pinheiro, Vanessa Rimbau. II. Melo Júnior, Orison Marden Bandeira de. III. Título.

UFPB/BC

CDU 82:305-055.1

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I
Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: editora@ufpb.br Fone: (83) 3216.7147

A QUEDA DO MACHO: MASCULINIDADE E IMAGINÁRIO EM *ANTES DE NASCER O MUNDO*, DE MIA COUTO

Paulo Ricardo Kralik Angelini
Luara Pinto Minuzzi

Quando o mundo acabou, poucos sobreviventes restaram e viviam numa pequena comunidade isolada chamada Jesusalém. O resto, para além do horizonte, era o Lado-de-lá, espaço banido onde habitava apenas o vazio. Era essa a história contada por Silvestre Vitalício aos seus filhos. E é essa a história narrada por Mwanito, seu caçula, na obra *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto.

Jesusalém é um espaço inventado por um homem e habitado apenas por homens. Segundo o narrador, era um lugar onde nem mesmo se podia falar em mulheres: “as mulheres eram assunto interdito, mais proibido que a reza, mais pecaminoso que as lágrimas ou o canto” (COUTO, 2009, p. 33). Para o pai, todas as mulheres eram putas, termo, aliás, usado para substituir a própria palavra mulher. Ao desvalorizar o feminino, Silvestre funda um espaço onde o masculino reina absoluto, espécie de alegoria na cristalização do pensamento ocidental de superioridade do macho, na eternização do patriarcado.

Contudo, antes de se iniciar a discussão sobre a construção do masculino e do feminino no romance, é necessário fazer uma ressalva. Já alerta Oyèrónké Oyèwùmí, em *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021), como é problemático assumir que essas experiências ocidentais definem o humano em geral – e aqui entram também as questões de gênero e a construção das mulheres e do feminino no Ocidente, que costumam

ser diretamente aplicadas ao continente africano. Segundo a autora, muitas culturas africanas privilegiam outros sentidos que não o da visão – o mais importante no Ocidente e um dos responsáveis pela divisão das pessoas em dois gêneros distintos. Outros fatores, como a idade, por exemplo, distinguem os indivíduos uns dos outros em muitas das sociedades da África, e não as diferenças de gênero. Porém, a marca dos gêneros é evidente no romance de Mia Couto: mesmo inseridos em um contexto moçambicano, o discurso de Silvestre obedece a uma lógica ocidental de dominação masculina e silenciamento da mulher.

A primeira vez que Mwanito viu uma mulher foi aos onze anos, recorda o narrador adolescente. Na obra, esse apagamento é potencializado pela não presença das mulheres e pelo reforço desse discurso de violência, vinculado a uma perda na vida do pai, que o leva a exilar-se em si mesmo e a construir uma “nação-modelo” do patriarcado, num grau extremo de exclusão. Não se podia falar sobre as mulheres e, muito menos, alguma delas poderia tocar no solo de Jerusalém. Sobre isso, Vitalício é categórico, afirmando: “Não quero essa conversa. Aqui não entram mulheres, nem quero ouvir falar a palavra...” (COUTO, 2009, p. 33). Jezibela, a jumenta, é o único ser fêmea a habitar o local, tratada com todo o esmero. Silvestre a trata com bastante carinho, comprando fumo para ela mascar e elegendo-a como uma espécie de namorada: “Nunca ninguém viu tais respeitos em caso de zoológica afeição. Os namoros sucediam aos domingos. [...] no último dia da semana era certo e sabido: com um ramo de flores na mão e envergando gravata vermelha, Silvestre marchava em passo solene para o curral” (COUTO, 2009, p. 100).

Ele também pedia licença à jumenta antes de entrar no curral, o que evidencia seu respeito ao animal em oposição ao desprezo e à aversão pelas mulheres. Isto é, as mulheres, em Jerusalém, estão abaixo, na hierarquia simbólica, até mesmo dos animais. A configuração desse território criado por Silvestre é, portanto, a representação do próprio patriarcado, ainda que naquela terra não houvesse, ao menos num

primeiro momento, mulher a ser subjugada, a não ser no discurso. O nível de violência com que Silvestre se dirige às mulheres é a cartilha disponível por seus filhos em sua criação.

A literatura psicanalítica, reinterpretada num viés feminista por Nancy Chodorow e resgatada por Gerda Lerner na obra *A criação do patriarcado*, oferece uma leitura útil à forma como o gênero foi criado com base no lado supostamente maternal da mulher.

Meninos e meninas aprendem a esperar de mulheres o amor infinito e acolhedor de uma mãe, mas também associam a mulheres o medo de suas fraquezas. A fim de encontrar a própria identidade, meninos se desenvolvem como 'diferentes da mãe'; identificam-se com o pai e repudiam expressões de sentimentos, preferindo a ação (LERNER, 2021, p. 73).

É também o que afirma Malvina Muszkat, na obra *O homem subjugado*: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. Segundo a pesquisadora, “nossos meninos, para escapar da castração física, submetem-se à *castração dos afetos* (para virar macho)” (MUSZKAT, 2018, p. 31, grifo da autora). Sem a mãe, resta ao narrador do romance o pai para criá-lo. Porém, esse pai proibiu o afeto nesse mundo governado unicamente por ele: “Sem a presença da mãe, o peito ossudo de Silvestre Vitalício foi meu único colo, sua velha camisa foi meu lenço, seu ombro magro foi minha almofada. Um monocórdico ressonar foi o meu único canto de embalar” (COUTO, 2009, p. 29). Tudo, no trecho, aponta para faltas: a magreza do pai, por exemplo, remete ao desconforto, a um colo que tem uma função unicamente prática, e não afetiva; tudo aponta para essa falta maior de carinho na relação entre esses homens de Jerusalém.

Nem o apagamento da mãe, na história de Mia Couto, é capaz de fazer os filhos identificarem-se com a figura paterna. Há um ressentimento entre Silvestre e os filhos que perpassa o tom da narrativa. Os jovens desconfiam das palavras do pai e questionam aquele

território artificial composto apenas por homens. Ntunzi, o irmão mais velho, por exemplo, chega a verbalizar: “esse velho [Silvestre] enlouqueceu” (COUTO, 2009, p. 15). Ele insiste que lembra da mãe e de outros elementos de suas vidas antes de Jesusalém, apesar de o pai esforçar-se para desconstruir até mesmo as memórias. Os filhos também desafiam o progenitor acerca desse mundo, a princípio, tão bem estabelecido. Em certo momento da narrativa, quando os irmãos vão nadar no rio, surge a possibilidade de fugirem por meio da água, o que vai contra o postulado por Silvestre: se não há mais nada do outro lado, não haveria para onde fugir. As respostas do pai para as suas dúvidas, entretanto, nem sempre faziam sentido, e Mwanito e o irmão esterilizam, aos poucos, os embriões da megalomania paterna: “Em vez de limpar os caminhos, espalhávamos sobre eles poeiras, galhos, pedras, sementes. O que fazíamos na realidade? Matávamos, nos nascentes atalhos, a intenção de crescerem e se tornarem estradas” (COUTO, 2009, p. 35). Os meninos, portanto, a todo o momento, colocam em xeque as afirmações de Silvestre. Ou seja, questionam a base daquela sociedade inventada.

Para Gerda Lerner, “o patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2500 (anos) até ser concluído” (LERNER, 2021, p. 261). Ao retornar ao período neolítico para compreender o processo de dominação masculina na História, a teórica austríaca sublinha a objetificação da mulher desde os tempos primórdios, quando a mulher passa a ser produto de troca intertribal e um recurso adquirido como as terras que são conquistadas. Como forma de renda para as famílias, as mulheres eram vendidas e, posteriormente, “foram dominadas ou compradas para a escravidão, quando seus serviços sexuais eram parte de sua mão de obra”. Assim: “a escravidão de mulheres, combinando tanto o racismo quanto o machismo, precedeu a formação de classes e a opressão de classes” (LERNER, 2021, p. 262).

A Jesusalém de Silvestre comunga com os princípios de uma sociedade tribal excludente. Se, como postula Lerner, historicamente, aos poucos, a mulher vai sendo excluída de certas ocupações e profissões, aqui nesta terra elas foram absolutamente eliminadas. Em Jesusalém, apenas os homens detinham os meios de produção, fato, aliás, sublinhado historicamente por Gerda Lerner, como característica da dominação masculina.

Em Jesusalém, o discurso de Silvestre alinha-se com a percepção da mulher como elemento a ser evitado. Ele reproduz um pensamento machista, de dominação e superioridade, tão recorrente desde que o homem habita as cavernas. De acordo ainda com Lerner (2021, p. 71), a “dominância masculina é um fenômeno histórico porque surgiu de um fato biologicamente determinado e tornou-se uma estrutura criada e reforçada em termos culturais ao longo do tempo”. Pierre Bourdieu (2017, p. 23), na obra *A dominação masculina*, reforça: “essa diferença anatômica entre os sexos é vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho”.

Historicamente, sublinha Lerner (2021, p. 270), o homem é *norma* e a mulher, *desvio*. É essa a essência da comunidade de Silvestre Vitalício, já no sobrenome a perpetuação do macho: a naturalização da presença masculina e o perigo que há nas mulheres.

Robert Connell e James Messerschmidt refletem sobre a masculinidade hegemônica, atentos aos escorregões conceituais que o termo acarreta. Segundo os autores, os anos 1980 e 1990 foram profícuos na academia e consolidaram-se como um campo de pesquisa de força, a partir de uma série de eventos, publicação de obras e artigos. É mais ou menos nesse período que a conceituação se consolida, encontrando uso imediato. Entretanto, alertam os pesquisadores que o conceito de masculinidade é falho, é amplo, sendo combatido por diversos autores, como David Collinson, Jeff Hearn, Alan Petersen, Richard Collier, de quem resgatam que a definição de masculinidade é nebulosa, incerta “no seu

significado e tende a desenfatar questões de poder e dominação”. Assim, o “conceito de masculinidade é falho porque ele essencializa o caráter dos homens ou impõe uma unidade falsa a uma realidade fluida e contraditória” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 249). Desse modo, o conceito de masculinidade recebe críticas por ter uma “concepção heteronormativa de gênero que essencializa a diferença macho-fêmea e ignora a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250).

Connell e Messerschmidt tentam fugir da rigidez na percepção de masculinidade, ainda que o senso comum carregue a óbvia associação com a opressão, por exemplo. E essa opressão é a essência na construção de Jerusalém: não apenas a presença e a voz das mulheres são proibidas, mas também os filhos têm seus discursos rasurados pelo pai, o chefe, aquele que manda. Os autores salientam que a masculinidade hegemônica foi percebida como um conjunto de práticas que tornou possível que a dominação sobre as mulheres se perpetuasse. Porém, também se diferencia de outras masculinidades, porque a ela estão subordinadas. Dizem os autores:

A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da

cultura, das instituições e da persuasão. Esses conceitos eram abstratos em vez de descritivos, definidos em termos da lógica do sistema patriarcal de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Sobre a complacência dentre muitas mulheres heterossexuais, que eternizaram o machismo, concorda Gerda Lerner. A autora indaga-se como homens e mulheres chegaram ao que hoje é a sociedade. E responde: “Quando abandonamos o conceito de mulheres como vítimas históricas, influenciadas por homens violentos, ‘forças’ inexplicáveis e instituições da sociedade, devemos explicar o enigma central – a participação da mulher na construção do sistema que a subjuga” (LERNER, 2021, p. 65). Há toda uma tradição que fortificou o patriarcado, tornando-o “a-histórico, eterno, invisível e imutável”. Contudo, especialmente nos séculos XIX e XX, há muitos exemplos de mulheres que enfim foram capazes de “avaliar de forma crítica o processo pelo qual ajudamos a forjar e manter o sistema” (LERNER, 2021, p. 66).

Apesar de a masculinidade não ser uma *entidade fixa* encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos, de acordo com Connel e Messerschmidt, Silvestre é a própria representação do macho tradicional. E, se a masculinidade não é essa entidade fixa, o feminino também não o é. Na África, de forma específica, Isabel Casimiro, em *Paz na terra, Guerra em casa* (2014), explica sobre a posição diferenciada das mulheres ao longo do tempo. Antes da colonização e da islamização do continente, por exemplo, ficam destacadas a força e a vitalidade das mulheres a partir, principalmente, dos diferentes sistemas de matriarcado espalhados pela África. Porém, a autora sublinha que as mulheres perdem um pouco de sua força com a imposição do regime colonial e com a atividade missionária, “[...] uma vez que as autoridades coloniais reconheciam apenas os homens como líderes, salvo raras exceções” (CASIMIRO, 2014, p. 81). A pesquisadora ainda comenta que,

de acordo com autoras feministas africanas, até a década de 1970, as mulheres africanas sofreram um longo e complexo processo de exclusão e que a historiografia tendia a colocá-las em um papel simplesmente decorativo e dependente dos homens. Portanto, no continente, o papel do homem foi sendo valorizado com o tempo.

Na obra *Nação e Narrativa pós-colonial II*, uma antologia de entrevistas com escritores angolanos e moçambicanos, Paulina Chiziane, a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, é indagada sobre a espécie de matriarcado existente no norte do país. A autora salienta que o sul moçambicano é uma região predominantemente patriarcal e que a religião e a própria colonização reforçaram esse patriarcado. Mas Chiziane vê ilhas simbólicas, lugares onde as mulheres comandam os debates dentro da família, e vê as mulheres do norte diferentes: “a mulher do Norte é luminosa, elas vestem todo o colorido possível (...). A beleza das mulheres do Norte não é exactamente a beleza do traço físico, mas é uma beleza interior, são mulheres satisfeitas, são mulheres realizadas”. (CHIZIANE apud LEITE *et al*, 2012, p. 196). Na mesma obra, Mia Couto contesta esse possível matriarcado no Norte do país. Para o autor, há sempre um concelho de homens mais velhos a dar palpites. “É verdade que (as mulheres) têm um estatuto diferente do que aqui no sul, mas depois por baixo há a figura do tio materno que reimpõe a figura do patriarcado” (COUTO apud LEITE *et al*, 2012, p. 169). A mulher que enfrenta o patriarcado passa a ser vista como feiticeira: “Um homem não pode aceitar um beijo ou um carinho em público” (COUTO apud LEITE *et al*, 2012, p. 170).

Historicamente, porém, quando falamos em Moçambique, durante a Guerra de Libertação, Isabel Casimiro destaca o importante papel assumido pelas mulheres: segundo a autora, a FRELIMO foi um dos poucos partidos nacionalistas africanos a defender a emancipação da mulher em concomitância com a libertação do país. As mulheres foram à luta, ocuparam cargos políticos e assumiram sua voz. Contudo,

não se verificou um repensar das tarefas reprodutivas da mulher, ou seja, das tarefas invisíveis que já a ocupavam bastante, e que contribuíam para aumentar seu tempo de trabalho, no âmbito da divisão sexual do trabalho. Assim, se reconfirmaram os seus papéis sociais como esposas, mães e como trabalhadoras invisíveis, não pagas (CASIMIRO, 2014, p. 190).

Dessa forma, essa emancipação ocorreu mais voltada para o exterior – os mecanismos internos da sociedade permaneceram inalterados. Além disso, por mais que as mulheres assumam cargos importantes, a maioria das posições de destaque segue sendo ocupada por homens: em Moçambique, apenas 13% do pessoal do aparelho de Estado são mulheres; na África Subsaariana, elas recebem 3/4 dos salários dos homens, mas realizam 100% do trabalho doméstico (CASIMIRO, 2014).

Ou seja, os homens ainda ocupam as posições de mais destaque, possuem mais poder – simbólico ou não simbólico –, o que fica evidente em *Antes de nascer o mundo*. Nesse romance, a superioridade que Silvestre crê ser prerrogativa dos homens sobre as mulheres parece estar relacionada a algo inerente, a algo biológico – a algo tão antigo, tão essencial e tão natural, que poderíamos pensar que sempre existiu e sempre vai existir. As falas do personagem remetem ao imaginário relacionado ao feminino e estudado por autores como Gilbert Durand e Gaston Bachelard, teorias que podem nos ajudar a pensar sobre a eternização desses conceitos. Em uma conversa com seus filhos, Mwanito e Ntunzi, por exemplo, Silvestre explica sobre o fato de as mulheres sangrarem: Ntunzi diz que “a mulher não precisa de ferida, ela nasceu com um rasgão dentro” e o pai esclarece que “a mulher foi ferida por Deus [...]. Foi golpeada quando Deus escolheu ser homem” (COUTO, 2009, p. 56). É como se a menstruação fosse uma impureza, o que acarreta, como consequência, a inferioridade da mulher – e, se a mulher é inferior, o homem, conseqüentemente, é superior e visto

como alguém que deve lutar e combater as impurezas. Ao longo da história da humanidade, esse tipo de pensamento foi muito comum e muitos povos aproximaram as mulheres do terrível, relacionando a ela todos os perigos possíveis.

Dentre esses perigos, é pertinente citar a aproximação da figura feminina com a temporalidade. Para muitos povos, antigamente e ainda hoje, as mulheres são seres impuros. O antropólogo Gilbert Durand, referindo-se a diversas crenças de povos primitivos, como entre sociedades da Índia, que creem que é para expiar uma culpa que as mulheres menstruam, aponta uma feminização da queda moral. Dessa forma, a mulher também se relaciona com a face terrível do tempo e, sobre essa figura, o estudioso francês alude à “selvageria sanguínea da caçadora [...], protótipo da feminilidade sangrenta e negativamente valorizada, arquétipo da mulher fatal” (DURAND, 2002, p. 104). Esse aspecto negativo da feminilidade, associado ao tempo tenebroso através dos ciclos menstruais que revelam o pecado cometido pela mulher, está presente no romance de Mia Couto, principalmente, pela misoginia característica do personagem Silvestre Vitalício.

O pecado como algo inerente da feminilidade também surge no romance a partir de outra cena: quando é revelado que Dordalma, a esposa de Silvestre, foi estuprada; ele apenas buscou seu corpo desacordado no meio da sarjeta à noite, quando não havia nenhum vizinho espiando. Assim que ela acordou, ele lhe ordenou que nunca mais o envergonhasse daquela maneira, uma vez que era culpa de Dordalma a sua violação. Seus estupradores apenas se vingaram de “uma ofensa secular” (COUTO, 2009, p. 243), uma ofensa que acompanha as mulheres ao longo de toda a humanidade.

Depois desse episódio trágico e doloroso, Dordalma comete suicídio. Por conta disso, desse passado difícil e da sua culpa, Silvestre teme o tempo. Na verdade, ele teme o passado – teme que seu passado volte. Ele teme que a lembrança da morte de sua mulher retorne, trazendo dor e arrependimento. E foi assim, corroído pela culpa e pelas

lembranças desse doloroso episódio, que Silvestre decidiu deixar o tempo e fundar Jesusalém.

Dessa forma, aflito por todos esses problemas e medos, buscando sempre fugir do tempo, construir um reino fora da temporalidade nefasta, Silvestre transforma-se em um herói combatente do mal representado pelas mulheres. Isto é, ele constrói sua figura a partir de um estereótipo de masculinidade, pois, assim, conseguiria impedir que as lembranças dolorosas retornassem à sua mente.

Entretanto, Jesusalém não permanece sem a presença de mulheres para sempre: Marta, uma portuguesa à procura de seu marido desaparecido, muda-se para aquele espaço. Ela e Silvestre travam a seguinte conversa:

- Não vamos ficar nenhum tempo, senhora.
- Chamo-me Marta.
- Não chamo mulher pelo nome.
- Como chama, então?
- Não terei tempo de lhe chamar nada. Porque a senhora vai-se já daqui embora (COUTO, 2009, p. 148).

Nesse diálogo, evidencia-se qual deveria ser a posição da mulher na opinião de Silvestre: uma posição submissa, de quem sempre acata ordens, não possui sequer nome ou identidade e não tem voz nem vontade.

Se a mulher está em uma posição de submissão, isso significa que o homem se encontra no topo: Vitalício se considera e age como um monarca que reina e que decide como serão guiadas as vidas de todos os seus súditos – seus dois filhos, mais Zacaria Kalash e Tio Aproximado. O patriarca chega a sentenciar a Mwanito que ele se convertera em Deus (COUTO, 2009, p. 18) e, para o caçula, ele realmente era Deus, pois Silvestre constitui-se como “o único sabedor de verdades” (COUTO, 2009,

p. 29) que “[...] sabia tudo e esse saber absoluto era a casa que me dava resguardo. Era ele que conferia nome às coisas, era ele que baptizava árvores e serpentes, era ele que previa ventos e enchentes. Meu pai era o único Deus que nos cabia” (COUTO, 2009, p. 32).

Essa divinização de Silvestre liga-se com a ascensão (o elemento que se opõe à queda), conforme nos mostra Durand, citando Bachelard:

[...] o processo de gigantização ou divinização que toda a altitude e toda a ascensão inspiram são conta do que Bachelard chama judiciosamente uma atitude de “contemplação monárquica”, ligada ao [...] arquétipo psicossociológico da dominação soberana. [...] A sensação de soberania acompanha naturalmente os atos e posturas ascensionais (DURAND, 2002, p. 137).

Por isso, o narrador faz questão de ressaltar que Silvestre “subiu a um inexistente pódio” (COUTO, 2009, p. 188), quando, depois de todas as suas tentativas de afastar Marta de si fracassaram, ele decidiu convocar todos os habitantes para a praça. Durante a reunião, ele anunciou que “Jesusalém é uma jovem nação independente” (COUTO, 2009, p. 190) e que ele era o presidente nacional vitalício, como já estava anunciado no seu próprio nome. Para que não restassem dúvidas quanto ao seu poder, ele proclamou: “Eu sou a Autoridade” (COUTO, 2009, p. 189). Portanto, além de Deus, Silvestre era monarca e Durand mostra como a figura de Deus é ligada à do rei a partir de diversas crenças de diferentes povos, como a dos ainu, que chamam Deus de “chefe divino” (DURAND, 2002, p. 137).

Além disso, ainda é importante ressaltar o caráter masculino do poder de Silvestre – caráter que fica explícito através do ódio de Vitalício pelo sexo feminino e pela proibição da presença de qualquer mulher em Jesusalém. Essa masculinização do poder também está presente no imaginário de incontáveis povos, como os deuses da Antiguidade indo-europeia, todos homens, senhores todo-poderosos do céu: Júpiter,

Zeus, Tyr, Varuna, Urano, Dyaus, Ahura-Mazda (DURAND, 2002, p. 136). Então, o poder masculino deve ensinar aos filhos como serem homens – justamente o que fazia Silvestre, que afirmava ter colocado Mwanito e Ntunzi em uma “escola de ser homem” (COUTO, 2009, p. 21).

Ele é a Autoridade e, sendo assim, coloca-se em uma posição acima inclusive da dos outros homens que vivem lá: Zacarias Kalash e Tio Aproximado. Ele é mais homem entre os homens – como quando manda Zacarias matar a portuguesa Marta, o que Zacarias se recusa a fazer. Nesse momento, Silvestre relembra o antigo nome de Zacarias: Ernestinho Sobra. O diminutivo e a palavra “sobra” deixam clara a posição de cada um dos dois homens no esquema da masculinidade. Portanto, dentro dessa escala hierárquica, a que se referiam por exemplo Connel e Messerschmidt, Silvestre é o macho dominante.

Silvestre Vitalício alcança seu objetivo de inventar um local fora do tempo, longe da morte, de doenças, de lembranças, saudades e tristezas. Como diz Zacaria Kalash, “o caçador não recebe nunca repouso por inteiro. Metade da alma, esse lado felino, está sempre na emboscada” (COUTO, 2009, p. 90), e Silvestre é um caçador; sua presa, o tempo. Porém, essa constante vigilância a que ele se impõe e que também dita aos filhos, aos poucos começa a lhe cansar. Chegam momentos nos quais seu poder fraqueja, pois, por maiores que sejam sua vontade e seu domínio, lhe é impossível permanecer vigilante ininterruptamente.

Somados à impossibilidade de Silvestre afastar para sempre todas as tentativas de a temporalidade voltar a estabelecer-se estão os danos causados a ele e aos seus dois filhos por essa constante luta. Não é possível viver-se sempre atento e alerta, como explica Durand (2002), sob o risco de alienação – e alienado é justamente o modo como Silvestre acabou seus dias: depois de ser picado por uma cobra e quase morrer, os demais moradores de Jesusalém o levaram desacordado para a cidade a fim de procurar ajuda médica. Assim que chegam à civilização, Silvestre recupera-se fisicamente, porém nunca mentalmente:

Não haveria regresso. Naquele momento, percebi: Silvestre Vitalício acabara de perder todo contacto com o mundo. Antes, já quase não falava. Agora, deixara de ver as pessoas. Apenas sombras. E nunca mais falou. Meu velho estava cego para si mesmo. Nem no seu corpo, agora, ele tinha casa (COUTO, 2009, p. 256).

O esforço que o patriarca empreendeu durante tantos anos para manter afastada a temporalidade nefasta foi demasiado para a sua saúde psíquica.

Se Silvestre encarna o ódio em relação ao sexo feminino, é perceptível que nem todos os personagens concordam com ele. Assim, pode-se dizer que são dois os movimentos dos homens no romance: o primeiro, de Silvestre, é o de não aceitar nem o feminino, nem a passagem do tempo que vem relacionada às mulheres; o segundo, dos demais personagens homens do romance, é o de suavizar suas imagens do que é a mulher. Portanto, a mulher, no romance, ganha, aos poucos, contornos mais suaves, na medida em que os filhos de Silvestre se desprendem do patriarca e de seus sonhos em construir um lugar livre do feminino. Isso acontece a partir de vários fatores, mas especialmente, a partir da chegada da portuguesa Marta. Como explica Ungulani Ba Ka Khosa, em seu texto *Jesusalém: a viagem interior de Mia Couto*,

O mais interessante neste jogo de luzes e sombras é a quebra dos silêncios advir do corpo de mulher, duma figura feminina transposta de outros oceanos, como que a provar que o mundo é tão grande e ao mesmo tempo pequeno na confluência dos sentimentos. Se o feminino desencadeou a partida, a fuga, o distanciamento, o mesmo feminino veio aglutinar e encadear outras ligações, outros discursos, outros silêncios, outras anarquias. (KHOSA, in: CHAVES, CAVACAS, MACÊDO, 2013, p. 36)

Se a concepção de feminino se altera, conseqüentemente a de masculino também: os homens não precisam mais, como antes, manterem-se sempre sentinelas; eles passam por um processo também de suavização.

As mulheres, por sua vez, deixam de ser terríficas e perdem seu caráter de “Mulher Fatal” ou de “Mãe Terrível” quando a portuguesa Marta chega a Jerusalém. Anteriormente a essa aparição, o narrador Mwanito não possuía recordação de como fosse uma mulher e apenas guiava-se pela opinião do pai misógino, pelas imitações caricatas do irmão Ntunzi – o que o levava a crer que esses seres deveriam parecer-se a “galinhas tontas” (COUTO, 2009, p. 55) – e pelas figuras das damas do seu baralho de cartas, e “elas eram tão másculas e secas como Zacaria Kalash” (COUTO, 2009, p. 56). Então, a primeira aparição da estrangeira ainda foi sentida pelo narrador de forma bastante ambígua: inicialmente, o menino a descreve como possuindo um “ar de criatura desenterrada” (COUTO, 2009, p. 123) e ressalta seu aspecto masculino (similar aos das damas do seu baralho), devido ao seu vestuário – calça, camisa e bota – típico de um homem, segundo ele. Porém, na medida em que se desenrola o encontro, características positivas passam a ser percebidas pelo caçula em Marta. A voz dela é “terna e doce” (COUTO, 2009, p. 124), seu perfume, também doce, e ela se movia de forma “[...] graciosa, mas sem os caricatos trejeitos com que Ntunzi representara as fêmeas criaturas” (COUTO, 2009, p. 124).

A partir desse primeiro encontro um tanto ambíguo, Marta destrói a já frágil visão negativa sobre as mulheres que tão insistentemente Silvestre tentou inculcar em Mwanito. Assim, a portuguesa transforma-se em segunda mãe do menino desde a noite em que ele a conhece e com ela sonha: “Nessa primeira noite fui visitado por minha mãe. No sonho, ela me surgiu ainda sem rosto, mas já com voz. E essa voz era a da aparecida, com seus requebros e doçuras” (COUTO, 2009, p. 125). Assim, o lado materno da estrangeira é ressaltado em diversas passagens da obra e o narrador destaca que o papel da moça era o de lhe aproximar

à sua mãe, Dordalma, da qual o personagem sentia-se extremamente distante devido à sua falta de lembranças e memórias acerca da figura materna: “Porque havia uma certeza, agora, dentro de mim. Marta não era uma visitante: era uma enviada. [...] Marta era minha segunda mãe. Ela tinha vindo para me levar para casa. E Dordalma, a minha primeira mãe, era essa casa” (COUTO, 2009, p. 147).

Dessa forma, percebe-se como Marta encarna o lado benéfico do tempo, já que representa a possibilidade de voltar ao passado, de resgatar esse passado perdido. Como Dordalma e sua morte haviam sido as principais razões para a dor do patriarca e para a sua consequente fuga da cidade para Jerusalém, um lugar sem onde nem quando, esse aspecto relacionado ao passado era o mais interdito entre seus habitantes. Mwanito nunca havia visto nenhuma foto de sua progenitora e Vitalício recusava-se a contar-lhe qualquer detalhe sobre a mulher. E, além de executar essa retomada simbólica do passado tomando o lugar de segunda mãe do menino, Marta ainda realiza uma retomada concreta, já que é a única que lhe conta a verdade sobre quem fora Dordalma e sobre como ela havia morrido, em uma carta enviada após o regresso da portuguesa à Europa.

Sobre a eufemização do aspecto tenebroso da mulher, Durand disserta acerca das grandes deusas que, para muitos povos, substituirão a figura do Grande Soberano e serão “[...] simultaneamente benéficas, protetoras do lar, dadoras da maternidade [...]” (2002, p. 200). Aqui, o autor salienta o fato de essas deusas serem dadoras de maternidade, assim como Marta, que restitui em dobro a Mwanito o que lhe havia sido privado na infância, já que ela traz Dordalma e todo passado do qual a mãe faz parte e também transforma-se ela própria em mãe do narrador. Além disso, Durand afirma que as figuras femininas podem ser símbolos de uma nostalgia (2002, p. 235), o que se liga perfeitamente ao que Marta representa para Mwanito: a possibilidade de sentir falta ou saudades da mãe – o que só poderia ocorrer caso ele possuísse alguma memória dela.

Entretanto, se Mwanito enxergava Marta como uma mãe, Ntunzi, seu irmão mais velho e, portanto, já na adolescência, via a portuguesa como uma mulher – uma mulher destituída de seu aspecto terrível, mas uma mulher sexualizada. Dessa ambiguidade entre as representações da europeia engendradas por cada um dos irmãos é representativa a passagem na qual o caçula sonha que a mãe possui a voz de Marta. Quando o mais velho acorda também sobressaltado de um sonho, Mwanito o questiona:

- Você também sonhava com a mamã?
- Lembra aquela história da moça que ficou sem rosto quando me apaixonei?
- Lembro. E o que é que tem?
- No sonho, me apareceu o rosto dela (COUTO, 2009, p. 126).

Ntunzi não é capaz de revelar ao companheiro como era o rosto da moça, pois barulhos e confusões no exterior da casa os distraem, porém a paixão que o garoto desenvolve pela estrangeira, após esse episódio, deixa claro que a face era a de Marta: “Meu irmão passou a ser tomado pelo cio: sonhava com a nudez dela, despia-a com sofreguidão de macho, no chão do sono tombavam as roupas íntimas da lusitana” (COUTO, 2009, p. 152) – aqui, o homem reforça seu papel de predador e a figura da mulher é associada ao ato sexual.

Portanto, é através de dois movimentos que, em *Antes de nascer o mundo*, a mulher passa a ser valorizada pelo homem, ainda que a imagem não fuja dos estereótipos: através do reconhecimento das suas virtudes maternas e dos seus atributos femininos em geral. Esses dois processos corroboram a crença de Bachelard de que, ao lado da valorização do feminino através da figura materna, fica a valorização da segunda mulher: “Na vida de todo homem, ou pelo menos na vida

sonhada de todo homem, aparece a segunda mulher: a amante, ou a esposa” (2009, p. 131).

Junto à suavização da imagem da mulher, há também a deterioração do macho, representado na figura autoritária de Silvestre. A queda de Vitalício é a derrocada de Jesusalém. Quando os personagens descobrem que o mundo não havia acabado, que o Lado-de-lá existia e que pessoas viviam num outro espaço, precisaram reinventar suas formas de enxergar as mulheres – assim como as suas masculinidades. Masculinidades mais pacíficas, menos combativas para um novo (velho) mundo com mulheres reais.

A pesquisadora Ana Mafalda Leite, em *Oralidade & escritas pós-coloniais*, afirma que Mia Couto traz em suas obras personagens que são mundos de mediação que “traduzem” uma experiência de vida pessoal, mas exemplar, didática e crítica, para a comunidade” (2012, p. 190). São, portanto, *personagens-narrativa*, que nos fornecem não apenas elementos para a compreensão do mundo diegético, mas também “outra matéria suplementar de informação formadora, crítica e moralizante” (LEITE, 2012, p. 192). Parece ser o caso da obra *Antes de nascer o mundo*, porque é possível pensar que a ruína de Silvestre, de seu reino e de sua narrativa – substituída pela história do filho narrador, que se apropria de uma escrita até então igualmente proibida – simbolizam uma transformação possível na sociedade em geral, com a destituição de déspotas que insistem em fomentar discursos violentos, opressores e excludentes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASIMIRO, Isabel. *Paz na terra, guerra em casa*. Recife: Editora UFPE, 2014.

CHAVES, CAVACAS, MACÊDO. *Mia Couto: um convite à diferença*. São Paulo: Humanitas, 2013.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, volume 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LEITE, Ana Mafalda et al. (org.). *Nação e narrativa pós-colonial: Angola e Moçambique. Entrevistas*. Lisboa: Colibri, 2012.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*. São Paulo: Cultrix, 2021. 3ª reimp.

MUSZKAT, Malvina E. *O homem subjugado: o dilema da masculinidade no mundo contemporâneo*. São Paulo: Sumus, 2018.

OYÊWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

No decorrer das últimas décadas, as discussões teóricas acerca das relações de gênero têm sido debatidas e desconstruídas, principalmente a partir das contribuições feministas. Entretanto, mesmo a pauta feminista, de cunho ocidental, branca e cis, não foi capaz de dar conta das representações femininas existentes e de suas demandas. Ao repensar o feminismo, o tema das masculinidades tornou-se um ponto fulcral para as des/reconstruções possíveis: afinal, as performances de gênero (Butler) são alicerçadas na desigualdade e na opressão masculina. Entretanto, essa mesma opressão pode ser uma armadilha para o homem, tolhido em sua sensibilidade e forçado a reproduzir os conceitos heteronormativos da "casa-dos-homens" (Welzer-Lang). Nesse sentido, é muito importante falar sobre masculinidades e repensar seus efeitos, especialmente para o homem africano, que representa a parte mais vulnerável desta hegemonia. Neste sentido, o livro "ASCENSÃO E QUEDA DO MACHO: Representações de masculinidades nas literaturas africanas" busca ampliar o campo de reflexão sobre o tema a partir da análise de textos ficcionais que debatam acerca do próprio conceito de masculinidade, com o propósito de aprofundar o entendimento sobre esses marcadores de diferença.